

M-142- R.1.54
"Maria Antonieta, Bilac, etc."

BILAC

Zico.

Só ontem é que peguei, na José Olímpio, aquela carta que você me escreveu em março, quando voltava de Paris para Bruxelas, e dizia: "não sei por que, mas Paris me entristece".

Você acha que devia ter conhecido aqueles becos e bistrôs aos vinte anos, e não agora. "Sinto que cheguei tarde." E confessa, meio desconfiado de que eu não vou acreditar, que prefere a sua calma e gorda cidade belga.

É verdade, Zico, há uma certa tristeza em Paris, que é a das coisas muito sentidas e vividas. Mas acontece que a gente se habitua; eu me habituei, menos com o inverno, com esses dias escuros e curtos em que a neve ao cair vai virando lama e a gente tem que andar de capotes, cache-col, sapato grosso, chapéu, luvas — toda uma tralha pesada e incômoda.

Também o passado parece pesar sobre nosso espírito; não me esquecerei de uma visita que fiz, por acaso, ao túmulo de Maria Antonieta, ali perto da gare Saint Lazare. Eu tinha nas imediações um encontro com uma pessoa que eu adorava; e na minha aflição de não chegar atrasado, cheguei mais de meia hora antes.

Vi o monumento, perguntei o que era, fui visitar.

Acho que Maria Antonieta não está mais enterrada ali. Esses mortos da Revolução foram transferidos muitas vezes de um lado para outro, às vezes com belas procissões de homenagem, outras com os ossos a sacudir dentro de cassettes, entre uivos da plebe. Não importa. Aquêles grande monumento funerário, com seu mau gosto rebuscado e solene, que percorri entediado, me deu uma tristeza idiota, vazia, que é, no fim das contas, o que nos fica da História.

Li muitas inscrições em mármore, ouvi a lenga-lenga do velho guá, que falava da família de Luís XVI, mostrava bustos e baixo-relevos, e minha melancolia foi crescendo até que olhei para o relógio: eu me atrasara no encontro. Fui recebido com mau humor, e eu mesmo estava nervoso, seco, ausente, como se aquêles defuntos reais tivessem, do fundo de seus túmulos, me rogado uma praga.

Mais de uma vez tive essa impressão sutil, mas inevitável, de que o passado, em Paris, tem eflúvios permanentes que penetram nos vivos distraídos e interferem na sua emoção; a voz rouca dos mortos parece nos segredar, nos momentos de alegria e encanto: "Isso passa; no fim é tudo fel."

O que tudo pode ser uma tola impressão, meu caro Zico; você sabe que eu não sou crente do espiritismo. Mas que há bruxas, há; e Maria Antonieta pode acontecer que agora seja uma. Em nossa idade, nossa alma já tem um ar de campo santo, como no soneto de Bilac. Zico, nós somos da geração que cita os sonetos de Bilac!

É melhor calar por hoje; um abraço, adeus.

27.4.52 R.B.

122